

# *Minha casa é onde estou:* escrevivência, identidade e decolonialidade em Igiaba Scego

Daniela Araújo Virgens\*  
Adriana de Borges Gomes\*\*

## Resumo

O presente trabalho propõe uma análise do romance *Minha casa é onde estou* (2018), da escritora italiana de ascendência somali Igiaba Scego, a partir do conceito de escrevivência, engendrado pela escritora brasileira Conceição Evaristo (2020). A reflexão preconiza a escrevivência enquanto ato político, podendo ser uma forma de reconhecimento de ancestralidades e de resgate de identidades coletivas, outrora assimiladas em contextos de relações coloniais. A escrevivência é um ato de revelar histórias apagadas e que precisam ser disseminadas para que a colonialidade do poder, o fascismo e outras formas de extremismo não continuem em evidência. Provindo da escrevivência, o artigo pretende estabelecer um diálogo desse conceito com Merleau-Ponty (1999) e sua concepção de corporeidade como forma de perceber e significar o mundo; com Zygmunt Bauman (2005) e sua compreensão da identidade que se constrói no tempo e no espaço e com Anibal Quijano (2005) que reflete sobre a colonialidade do poder como uma dimensão construtiva do sistema mundial moderno que se difundiu com a expansão colonial europeia e se manifesta sob a forma uma hierarquia com base na raça e no gênero e pela imposição de uma lógica eurocêntrica como padrão universal de conhecimento. O pensamento decolonial surge aqui como uma forma de quebrar

---

\* Mestre em Estudo de Linguagens (UNEB); Doutora e Mestre em Geografia (UFBA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3555-3444>

\*\* Doutora em Teoria da Literatura e da Cultura pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0088-4806>

padrões historicamente impostos e revelar histórias que foram apagadas pela imposição pensamento colonial. A metodologia de trabalho é a análise teórica de pesquisa bibliográfica. Dessa forma, em decorrência dessas discussões, pode-se inferir que a escrevivência é um caminho fundamental para o avanço da decolonialidade.

Palavras-chave: Igiaba Scego; escrevivência; identidade; decolonialidade.

## *Mi casa es donde yo estoy:* escrivivencia, identidad y decolonialidad en Igiaba Scego

### Resumen

El presente trabajo propone un análisis de la novela *Mi casa es donde yo estoy* (2018), de la escritora italiana de ascendencia somalí Igiaba Scego, a partir del concepto de escrevivencia, engendrado por la escritora brasileña Conceição Evaristo (2020). La reflexión aboga por la escritura como acto político, que puede ser una forma de reconocimiento ancestral y rescate de identidades colectivas, una vez asimiladas en contextos de relaciones coloniales. La escrevivencia es actualmente un medio fundamental para revelar historias borradas que es necesario difundir para que la colonialidad del poder, el fascismo y otras formas de extremismo no queden en evidencia. A partir de la escrevivencia, el artículo pretende establecer un diálogo entre este concepto y Merleau-Ponty (1999) y su concepción de la corporeidad como forma de percibir y dar sentido al mundo; con Zygmunt Bauman (2005) y su comprensión de la identidad que se construye en el tiempo y el espacio y con Aníbal Quijano

(2005) quien reflexiona sobre la colonialidad del poder como dimensión constructiva del sistema mundo moderno que se difunde con la expansión colonial europea y se manifiesta en forma de una jerarquía basada en la raza y el género y la imposición de una lógica eurocéntrica como estándar universal de conocimiento. El pensamiento decolonial emerge aquí como una forma de romper patrones impuestos históricamente y revelar historias que fueron borradas por la imposición del pensamiento colonial. La metodología de trabajo es el análisis teórico de investigación bibliográfica. Así, como resultado de estas discusiones, es posible inferir que la escritividad es un camino fundamental para el avance de la decolonialidad.

Palabras-claves: Igiaba Scego; escritividad; identidad; decolonialidad

## Introdução

*Minha casa é onde estou* é um romance da escritora Igiaba Scego que conta a sua própria história de vida. Lançado em língua italiana, no ano de 2010, com o título original *La mia casa è dove sono* e traduzido ao português, em 2018, traz sob forma de uma ficção, as memórias dessa autora nascida na cidade de Roma (Itália), em 1974, e que possui ascendência somali. Sua história é presença marcante e fundamental em sua literatura, em especial na obra supracitada, objeto de análise deste artigo. Ao escrever sobre si, Igiaba Scego revela que as nossas experiências individuais e coletivas moldam quem somos de maneira única. Ao mesmo tempo, quando vividas por pessoas que integram as minorias historicamente marginalizadas, muitas dessas experiências são similares e relacionadas a comportamentos moldados ao longo de séculos pelo pensamento colonial e pela ideia de que comunidades precisam ser homogêneas e que identidades precisam ser fixas. Falar de identidade é tratar de algo que não é fixo, nem homogêneo. É falar de algo que vai sendo construído a partir das experiências, das relações no tempo e no espaço.

Na obra, a vida da narradora autodigética, aquela que está presente nos eventos narrados (Gennete, 1979), é contada a partir de uma cartografia existencial. O termo cartografia existencial é mencionado aqui pensando na cartografia como “possibilidade de registrar, apresentar, representar tanto o mundo conhecido e os fenômenos nele identificados, quanto o mundo imaginário e desconhecido”. (Vaz, 2021, p. 125). O mapa, quando associado a uma experiência pessoal, traz significados distintos dos mapas convencionais, ele “[...] deixa de ser um documento para

localização e orientação” e se transforma em um “memorial espacial de uma pessoa, porque ele recupera o tempo no espaço e o espaço no tempo, reconstruindo a memória do passado.” (Seemann, 2014, p. 84). A existência é a realização de ser e estar no mundo a partir das vivências e experiências nos tempos e espaços, o que torna único o sentido que cada um de nós dá a esse mundo a partir do modo como enxergamos e interagimos com ele. A cartografia existencial significa a representação desse mundo a partir da própria existência.

Em *Minha casa é onde estou*, Igiaba Scego narra o mapa da sua própria vida, que representa os lugares onde viveu, por onde passou e traz os significados que cada um desses lugares simboliza na sua existência. Esse mapa é construído como uma reflexão sobre a sua relação com a terra ancestral, a Somália, e também com a terra onde nasceu e cresceu, a Itália. Igiaba insere os espaços que representam seu mundo vivido, transformando Roma e Mogadíscio em uma só cidade. A cidade que representa a sua experiência não é circunscrita por um mapa dado previamente. Não é o mapa que estudamos na escola, que divide os territórios. É um mapa que une duas cidades de continentes distintos em uma só a partir das suas próprias experiências, um lugar único que ao mesmo tempo é terno e afetuoso, hostil e frio, numa reconstituição de sua memória como forma de compreender a sua própria identidade.

É importante ressaltar que o mapa é apenas narrado, não surge no romance como uma imagem, mas como narrativa das experiências da própria autora nos lugares que representam sua trajetória de vida. Nesse sentido, é realizada aqui uma conexão direta com a escrevivência, termo criado pela escritora brasileira Conceição Evaristo (2020) que traz a relação direta entre a

escrita e a vivência. Vale ressaltar que Evaristo pensa essa escrita como uma forma de as mulheres negras, historicamente silenciadas, falarem de questões que afetam suas existências em uma sociedade que ainda tem os resquícios do colonialismo nas suas relações raciais e de gênero.

Falar sobre si para uma mulher negra é conectar-se com outras histórias, com a sua própria ancestralidade e é uma forma de libertação de um discurso opressor que só olha a História de um ponto de vista eurocentrado. Sendo assim, a ideia de escrivência de Conceição Evaristo dialoga diretamente com a narrativa de Igiaba Scego, autora pertencente a uma geração de mulheres italianas com ascendência africana que reconstituem as suas próprias vidas a partir da literatura revelando fatos antes ocultados, resgatando memórias, aproximando-se da sua ancestralidade africana sem deixar de reivindicar o seu lugar na sociedade italiana, onde nasceram e/ou cresceram. Sociedade esta que sempre invisibilizou suas histórias e não discute o seu passado colonial e fascista. Entre as autoras que fazem parte desse grupo de mulheres negras e migrantes estão Cristina Ali Farah, também de ascendência somali e Gabriella Ghermandi, de ascendência etíope.

Mais do que falar sobre si, Igiaba Scego relaciona os lugares que frequentou à constituição da sua identidade que não é só italiana e nem apenas somali. É as duas coisas ao mesmo tempo. Essa relação com os lugares vai se revelando a partir da imagem desse mapa, cujos limites são imaginados pelo leitor a partir da descrição das paisagens e dos lugares que representam a experiência de vida da autora. Em um trecho da narrativa, no capítulo dedicado à Praça de Minerva, há um momento em que Scego relaciona a retirada dos órgãos de uma igreja ao

silenciamento das mulheres, mencionando as mulheres que têm coragem para tomar a palavra:

Havia em seu interior, entre tantas coisas maravilhosas, numa espécie de moldura dourada com três tramos, um dos seus dois órgãos. Algo encantador que, porém, teve um estranho destino. Alguém roubou-lhe todos os sons: inicialmente, removeram-lhe os tubos, um por um; depois, queimaram-no. Foi privado da sua seiva sonora com violência. Sua história sempre me fez pensar na memória de nós, mulheres. Que também é queimada, silenciada, deturpada. Apesar dos horrores cometidos na nossa pele, nós, mulheres, tivemos força para superar a infame tradição do silêncio. Nossa língua é o código do coração pulsante. Em meu mapa marco um colar de corações. Por todas as mulheres que estão tomando a palavra, apesar de mil dificuldades. Para minha mãe, que soube tomá-la quando necessário. Pela minha escrita de hoje, que muito deve àquelas vozes de coragem. (Scego, 2018, p. 53-54).

A escrivência surge como uma forma de mulheres negras tomarem a palavra e narrarem histórias a partir do seu ponto de vista. Em nosso artigo, buscaremos desenvolver, a partir do conceito de escrivência, uma discussão que tecerá uma relação entre a corporeidade e a fluidez dos movimentos individuais e coletivos pelo espaço que está relacionada a noção de identidade apresentada por Bauman (2005). Essa forma de se retratar é algo que traz consigo a representação de modos de vida, de práticas sociais e de relações com o mundo que podem ser reconhecidas como práticas coletivas de pessoas desterritorializadas que se reterritorializam em territórios outros, diferentes dos locais onde estão suas raízes familiares e culturais. É importante mencionar que a distância não necessariamente apaga as práticas ancestrais, mas, antes, busca incorporar novas práticas e novas formas de ver o mundo e de apropriar-se dele.

## **Escrevivência como artifício de reconstrução de memórias e reformulação de trajetórias**

Como mencionado anteriormente, a história de uma vida que se conta a partir do desenho de um mapa que une as cidades de Roma e Mogadíscio, duas cidades separadas pela distância e unidas por um passado colonial que transformou a vida de milhares de pessoas, incluindo a trajetória de vida da autora, narradora e protagonista - Igiaba Scego - e da sua família; essa história é o centro do enredo da obra *Minha casa é onde estou*. A ficcionalização da própria história de vida é o que se chama de autoficção. Nesse gênero, os fatos reais e a ficção se misturam de forma a “camuflar, com ambiguidades, um relato autobiográfico sob a denominação de romance.” (Faedrich, 2015, p. 47) de forma a criar uma narrativa única e ficcional. O texto traz o olhar de uma mulher negra, filha de migrantes somalis, que nasceu e cresceu na Itália, tratada como estrangeira, assim como muitos somalis e descendentes (e assim como milhões de deslocados por todo o mundo). Sujeitos esses que sentiram e sentem na pele o preconceito que a manutenção do pensamento colonial ainda semeia no país e no mundo. Igiaba fala de si mesma de maneira ficcionalizada, o que torna visível uma população que foi afetada pelas relações coloniais presentes na sociedade mesmo após o fim do colonialismo.

No Brasil, a autora Conceição Evaristo formula o conceito de escrevivência considerado como “um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado”. (Evaristo, 2020, p. 30). Essa imagem do passado a qual Evaristo se refere está impregnada de questões que abarcam as relações coloniais, como o patriarcalismo e o



eurocentrismo, que hierarquizam e inferiorizam pessoas pela raça e pelo gênero (Quijano, 2005). Bonnici, ao explicar o romance pós-colonial considera-o como “toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre o século XV e XX.” (1998, p. 9). Em suas reflexões o autor fala em uma dupla colonização da mulher, algo que afeta de maneira profunda o discurso pós-colonial.

Vale ressaltar, que embora na Itália algumas críticas da obra de Igiaba Scego a coloquem como autora pós-colonial (Romeo, 2017; Lorenzetti, 2014), neste trabalho a análise será realizada pelo viés decolonial. Essa vertente tem origem no pensamento do filósofo argentino Enrique Dussel (1996), que propõe pensarmos a experiência como o ponto de partida para o surgimento de um novo olhar que revele as histórias ocultas dos diferentes povos marginalizados pela colonialidade do poder. É o que o autor chama de filosofia da libertação. Dussel afirma que:

Contra a ontologia clássica do centro, de Hegel a Marcuse, para citar a mais lúcida da Europa, ergue-se uma filosofia de libertação da periferia, do oprimido, da sombra que a luz do ser não foi capaz de iluminar. Do não-ser, do nada, do outro, da exterioridade, do mistério do sem-sentido, partirá o nosso pensamento. Trata-se, pois, de uma ‘filosofia bárbara’. (Dussel, 1996, p. 26, tradução nossa).<sup>1</sup>

Uma das formas de colocar em prática essa proposta e de analisar uma obra dessa perspectiva, que é decolonial e existencial, pode ser a partir da escrevência, que “[...] toma como mote de criação justamente a vivência”. (Evaristo, 2017, n.p.). A escrevência traz à luz narrativas que foram apagadas

---

<sup>1</sup> Texto original: “Contra la ontología clásica del centro, desde Hegel hasta Marcuse, por nombrar lo más lúcido de Europa, se levanta una filosofía de la liberación de la periferia, de los oprimidos, la sombra que la luz del ser no ha podido iluminar. Desde el no-ser, la nada, el otro, la exterioridad, el misterio de lo sin-sentido, partirá nuestro pensar. Es entonces, una ‘filosofía bárbara’”.

da história, se propõe a mostrar um olhar diferente do olhar colonial que foi imposto ao longo de séculos. Ao contar essas histórias de pessoas subalternizadas as narrativas representam “uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade.” (Evaristo, 2020, p. 35).

Em *Minha casa é onde estou*, Igiaba Scego conta, a partir da própria corporeidade, uma história que não é só dela, mas que representa essas vozes silenciadas. A corporeidade é citada aqui na perspectiva de Maurice Merleau-Ponty (2004) que coloca a experiência corporificada como uma forma de compreender o mundo a partir das espacialidades e das percepções. O autor afirma que “o mundo se apresenta a nós no contato com ele que nos é fornecido pela percepção.” (Merleau-Ponty, 2004, p. 13). A corporeidade, para Merleau-Ponty, está relacionada à “[...] nossa sociabilidade, a preexistência do mundo, quer dizer, o ponto de desencadeamento das ‘explicações’ naquilo que elas têm de legítimo — e ao mesmo tempo o fundamento de nossa liberdade.” (Merleau-Ponty, 1999). É pelo corpo que temos acesso ao mundo e esse corpo está em relação com o espaço e com as pessoas que o cercam.

Na fenomenologia praticada por Merleau-Ponty, a corporeidade é uma das formas possíveis para explicar o mundo, já que cada indivíduo o enxerga a partir de uma perspectiva que é única. Ela se complementa com a filosofia da libertação de Dussel, no ponto em que a libertação, para ele, se configura em construir novas teorias e formas de pensar e enxergar o mundo, a partir de contextos plurais, do desvelamento de subjetividades periféricas e historicamente oprimidas. Para o autor “a subjetividade, constituída concretamente a partir da estrutura do sistema, manifesta-se como subjetividade histórica”. (Dussel, 1996, p. 161, tradução nossa).<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Texto original: “La subjetividad, constituida concretamente desde la estructura del sistema, se manifiesta como subjetividad histórica”.

A filosofia da libertação dusseliana se relaciona com a formulação de escrevivência evaristiana no ponto em que os traços de subjetividades são revelados por mulheres negras, pobres e, embora pertencentes a distintos contextos espaciais e temporais, contam suas histórias de resistência ao pensamento colonial. O caso de Igiaba Scego representa essa mulher que, além do que foi mencionado, vive a experiência de ter um fenótipo africano em uma sociedade que foi, no passado, colonizadora do país onde viviam seus pais, a Somália. A fuga ocorreu em um contexto produzido pelas relações que foram criadas na sociedade somali após a destruição do país pelo regime colonial e fascista e de uma descolonização conduzida por uma Itália recém-saída desse regime. Seus pais tinham uma posição social de destaque na Somália, pois pertenciam ao grupo político que estava no poder após a descolonização. Esse fato fez com que precisassem fugir do país, repentinamente, após sucessivos fatos: o golpe militar do General Siad Barre, o assassinato do tio de Igiaba por ser contra o novo ditador e o confisco de todos os bens dos seus pais. Consequência disso foi a partida para a Itália em situação de pobreza, fugindo da morte, e com a necessidade de tentar um recomeço.

Conceição Evaristo (2017) menciona que o conceito de escrevivência vem de um processo histórico pelo qual as mulheres africanas que vieram para o Brasil passaram. É essa relação corporeidade versus mundo, em contextos especificamente femininos e subalternos, que têm nas relações raciais e de gênero, simultaneamente, a fonte de inspiração, o material e a substância para a escrevivência. Embora tenha sido criada em um contexto brasileiro, Evaristo (2020) reconhece que essa escrita de seu próprio mundo vivido supera as fronteiras do pensar a mulher negra em distintos contextos:

[...] a Escrivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrivência já demande outra leitura. Escrivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (Evaristo, 2020, p. 38).

Esse é o caso da escrita de Igiaba Scego, na qual a sua experiência que é escrita, ultrapassa os limites da sua própria subjetividade e da história vivenciada por sua família e atinge a vivência coletiva. Na obra *Minha casa é onde estou*, a história de vida da autora chega ao leitor, em especial dos países colonizadores, como representação de experiências que, embora narradas por uma pessoa, representam uma coletividade, que relaciona a história colonial e pós-colonial da Somália à existência, às subjetividades do ser humano e, ao mesmo tempo, resgata, questiona e visibiliza as consequências desse passado colonial. Para os colonizados, chega como uma parte das muitas histórias que foram silenciadas por um sistema que só reconhecia a sua própria história e, sobretudo, a impunha ao outro como parte de um projeto de dominação. A leitura da obra traz à tona a representação de um coletivo de mulheres negras e pobres que passaram e que passam por diversas situações de preconceito e discriminação e que veem nas histórias de outras mulheres a força para seguir enfrentando e desconstruindo o pensamento colonial que ainda está impregnado na sociedade, retirando os véus que encobrem as distintas tecnologias coloniais de controle e de exploração (Quijano, 2005).

A narrativa de Igiaba Scego apresenta-se como um lugar de fala quando se pensa no poder da representação da história de

uma família somali que vive na Europa em consequência de um contexto pós-colonial que os levou a migrar. Em um trecho da narrativa Scego se questiona: “Sou o quê? Quem sou? Sou negra e italiana. Sou também somali e negra. Então sou afro-italiana? Ítalo-africana? Segunda geração? Geração incerta? *Meel kale*? Negra sarracena? Negra suja?”<sup>3</sup> (Scego, 2018, p. 28, grifo da autora). Os termos citados são referências a denominações que lhe são dadas, tentativas de rotular, de estereotipar, de classificar todos os que são diferentes do grupo que se tenta homogeneizar como parte da nação.

Ao falar da escrevivência na literatura de Scego escrevivência Igiaba Scego, há aqui uma literatura que busca quebrar estereótipos e contar a história a partir do ponto de vista de quem a vivencia, o que Iris Marion Young (2006, p. 142) chama de “práticas representativas diferenciadas”. Essas práticas, de acordo com a autora, estão relacionadas a espacialidades e temporalidades e se revelam como um processo que relaciona atores políticos. Para a autora:

Diferenças de raça e de classe perpassam o gênero, diferenças de gênero e etnia perpassam a religião e assim por diante. Os membros de um grupo de gênero, racial etc. têm histórias de vida que os tornam muito diferentes entre si, com diferentes interesses e diferentes posicionamentos ideológicos. Assim, o processo unificador requerido pela representação de grupos buscaria congelar relações fluidas numa identidade unificada, o que pode recriar exclusões opressivas. (Young, 2006, p. 141-142).

Vale ressaltar que a escrevivência está em um campo que une ficção e essas espacialidades e temporalidades dos corpos

---

<sup>3</sup> Em nota de rodapé no romance, a tradutora Francesca Cricelli explica *Meel Kale* como “um outro lugar” e sarracena como um “termo genérico que se refere aos árabes nômades e aos muçulmanos” (Scego, 2028, p. 28)

negros femininos que representam experiências contadas de um ponto de vista que vai reverberar de maneiras diferentes em distintos leitores. *Minha casa é onde estou* é uma escrevivência e, como tal, não se configura apenas como mais um texto sobre si, mas trata-se sobretudo de um retrato que abarca toda uma coletividade, embora a narrativa esteja focada na história de uma vida. É em um contexto de corporeidades que vivem a escrita e a leitura de maneira única, que a questão identidade se revela como algo que ultrapassa limites de fronteiras, que vai além dos preceitos que os ideais de nação forjados ao longo de séculos não conseguem dar conta. Os deslocamentos cada vez mais comuns pelo mundo levam à construção de múltiplas identidades que os mapas políticos que dividem os países não mostram. É aí que a literatura de imigrantes, em especial aqui a obra de Igiaba Scego, oferece uma possibilidade de discussão sobre identidade que traga os elementos da espacialidade e da temporalidade como fundamentais nessa construção. O texto reforça o sentido de que a identidade não é algo fixo, mas uma agnição que vai se construindo ao longo do tempo e dos espaços de pertencimento. Nesse sentido, a escrevivência da autora italiana-somali pode ser relacionada à perspectiva apresentada por Bauman (2005) que vê a identidade como algo fluido.

### **Escrever em um contexto de migrações**

A literatura de migrações, com raras exceções, destaca-se por apresentar contextos nos quais multiterritorialidades coexistem com tentativas de assimilação cultural, em que individualidades são rechaçadas em prol de tentativas de inserção daqueles que são considerados como externos a uma comunidade. Algo que

a colonialidade do poder (Quijano, 2005) e seu pensamento patriarcal, eurocêntrico e capitalista colocam em prática desde a formação dos Estados-nação. A sensação de fugir e de estar deslocado em outro país que não o de origem é narrada por Edward Said (2004) no seu livro de memórias *Fora do Lugar*. Sua família foi forçada a deixar a Palestina durante o êxodo de 1947-1948 o que o levou a viver no Egito e, posteriormente, nos Estados Unidos. Para ele, produzir uma literatura sobre o exílio feita por pessoas que vivem a situação é “uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão”. Porém acreditar que isso é uma vantagem para quem escreve essa literatura “é banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que as sofrem”. (Said, 2003, n.p.).

Zygmunt Bauman (2017) também passou pela situação de fugir do seu país, a Polônia, quando os alemães o invadiram, durante a Segunda Guerra Mundial. Ele menciona que há algo que é chamado no senso comum de crise, mas que ele denomina de pânico moral. O pânico moral diz respeito à situação que se configura como uma batalha de formadores de opinião que tentam subordinar mentes e sentimentos humanos no intuito de cegar moralmente pessoas no que diz respeito às questões humanitárias que envolvem os deslocamentos forçados de países do sul global em direção aos países do norte global, que normaliza mortes, muros, omissões, humilhações e expulsões. Said e Bauman são vozes importantes nesse contexto de falar de experiências de deslocamento. Mesmo em obras que não falam das suas memórias, eles retomam as suas próprias experiências de deslocamento para explicar ideias relacionadas à criação de estereótipos que servem para justificar o poder e a dominação. Nesse sentido, Bauman menciona que:

Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa ‘se sobressaíam’ e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. (Bauman, 2005, p. 19).

Esse sentimento é compartilhado pela autora que, ao falar sobre o que é ser italiana para ela (lembrando que ela possui a nacionalidade do país), menciona: “Sou italiana, mas também não sou. Sou somali, mas também não sou. Um cruzamento, uma saída. Um cruzamento, uma dor de cabeça. Eu era um animal numa arapuca.” (Scego, 2018, p. 154). O sentimento de ser um estranho é algo mencionado em obras de pessoas que passaram pela situação de deslocamento como Bauman, Said e em obras da literatura de migração, como também é denominada a obra de Igiaba Scego por críticos italianos.

O desenvolvimento do que Romeo (2017) chama de literatura da migração ou literatura pós-colonial italiana, a partir da década de 1990, foi fundamental para que vozes oriundas de países colonizados pudessem iniciar um processo de transformação do conceito de cultura nacional nesse país. Sobre a literatura da migração, Silva (2018), enumera três dimensões, quando se relaciona o tema à literatura: aquele que remete à expulsão; o que trata da insatisfação sobre a situação de ser migrante; e aquele que trata do retorno à terra natal. Embora o texto de Igiaba Scego traga um pouco das três dimensões, ele transcende esse lugar comum ao reivindicar para si a terra na qual viveu toda a sua vida (Roma), sem deixar que a sua terra ancestral (Mogadíscio) seja esquecida só porque não está lá fisicamente.

Sobre Mogadíscio ela comenta: “Eu não nasci naquelas ruas. Não cresci nelas. Não foi lá que me deram meu primeiro beijo. Nem me desiludiram profundamente. Mesmo assim, sentia



que aquelas ruas eram minhas.” (Scego, 2018, p. 31). Igiaba reivindica o pertencimento a Mogadíscio pela ancestralidade e pelas vivências, mesmo que tenha passado pouco tempo naquelas ruas. As migrações, retratadas na obra, a partir da família de Igiaba, representam o encontro de diferentes culturas no qual a minoria, desterritorializada, tenta se reterritorializar onde o sentido de assimilação ainda é muito forte. De acordo com Figueiredo:

A desterritorialização, entendida no sentido antropológico de desvinculação de local e cultura, corresponde à movência de coisas de um lugar para o outro, o que implica que certos aspectos culturais tendem a transcender fronteiras especificamente territoriais pela reinserção de traços culturais, no duplo movimento de desterritorialização e reterritorialização. (Figueiredo, 2010, p. 263).

Há uma série de situações descritas na narrativa de Igiaba Scego e que serão apresentadas nessa seção que mostram como essa tentativa de reterritorialização fica mais difícil nesses contextos em que ainda existe um forte sentido de assimilação, ou seja, um sentido de proteção de uma identidade homogeneizada e homogeneizadora que visa manter o sentimento de nação dentro de um sentido pré-fixado de que pessoas que possuem a mesma nacionalidade precisam ter uma identificação seja pela língua, seja pelos costumes, pelo fenótipo, pelos hábitos alimentares. A percepção de que há diferenças individuais é uma ameaça a essa visão pré-concebida de nação como grupo homogêneo. Bauman (2005), em suas reflexões sobre a identidade, menciona o fato de que os sentidos de pertencimento e de identidade “[...] não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age”. (Bauman, 2005, p.

17). Para o autor, o pertencimento é algo mutável e não precisa ser uma condição na qual não existe alternativa.

Em outra obra, Bauman destaca que “uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e de fúria. ‘Identidade’ significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular — e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar.” (Bauman, 2003, p. 21). Ele destaca a vulnerabilidade da questão da identidade, visto que, especialmente falando de individualidades há uma tendência de as pessoas buscarem o que ele chama de cabides onde “possam pendurar seus medos e ansiedades”. Esses cabides são as comunidades nas quais o indivíduo busca segurança e aceitação. Há assim um paradoxo relacionado à discussão da identidade que, por um lado, exige a singularidade e diferença e, por outro, está relacionado à aceitação à convivência em comunidade.

Na concepção de Bauman (2005) a identidade não pode ser comparada a um quebra-cabeça no qual já se tem uma imagem final para montar. Pensar a questão da identidade, para ele é experimentar com peças que se tem, sem pensar em uma imagem final, mas nos meios que se tem para a montagem das peças, assim como a cartografia existencial realizada na narrativa de Igiaba Scego. Essa cartografia é tecida a partir das imagens dos lugares e das pessoas que dão sentido a sua vida e que estão relacionadas diretamente com a construção da sua identidade, que a levaram a ser quem é. Seu mapa não é construído pelas relações geopolíticas, não é o mapa pré-concebido pelas demarcações feitas pelos Estados que estudamos na escola. É um mapa que representa a experiência de uma pessoa que vive uma relação pessoal e única com duas cidades de distintos continentes. A cartografia de Igiaba Scego não surge na obra

como um instrumento técnico que possa ser visualizado em uma imagem, mas as imagens surgem na mente de quem lê a partir das figuras de linguagem construídas no próprio texto, ou seja, ela “escreve” a sua cartografia existencial.

Com sua cartografia existencial escriturada, Igiaba extrapola a função técnica de um mapa e leva subjetividades, memórias e afetividades para algo que normalmente é frio, objetivo e costuma ser interpretado a partir de parâmetros técnicos e que foi criado especificamente para manter o controle territorial. Ela mostra que pertence a mais de um lugar e que sua identidade não é fixa, não é somali nem italiana e, ao mesmo tempo, é as duas coisas, embora o seu contexto de migração tente levá-la para outro caminho. Ao longo da obra, a narradora autodiegética apresenta diversas situações de como essa tentativa de homogeneização ou mesmo de inferiorização da cultura somali surge no seu próprio cotidiano. O primeiro exemplo surge a partir dos olhares recebidos pela família ao tentar reconstruir sua vida no país.

Vivíamos numa pensão em Balduina, uma área conservadora da cidade de Roma. Eu, meu pai, principalmente a minha mãe, com seu véu islâmico, éramos considerados extraterrestres. Todos nos olhavam e apontavam o dedo, como se faz no zoológico em frente à jaula do leão. (Scego, 2018, p. 74).

O fato de ser uma família de negros e muçulmanos era motivo de estranhamento em um país que, embora tenha sido composto pela mistura de diversos povos, só aceita que pessoas com sangue italiano tenham a nacionalidade. Igiaba vem de uma geração anterior, quando havia uma facilidade maior de obter a nacionalidade pelo tempo de residência no país. Como ela mesma conta, atualmente os grandes fluxos de migrantes têm cada vez mais dificuldade tanto na obtenção de autorização para residir

como naturalização. A Itália adota o *jus sanguinis*, um critério baseado na consanguinidade que garante aos filhos de italianos a nacionalidade e dificulta a sua obtenção por migrantes, já que a naturalização está cada vez mais burocrática. Além disso, há um contexto no qual a ideia de uma comunidade homogênea leva pessoas a tentarem se inserir nessa comunidade com a intenção de serem aceitos. É nesse contexto que Scego menciona a procura por cremes de branqueamento, em uma cultura que considera apenas o branco como bonito:

[...] há um monte de lojas que vendem cremes para branqueamento da pele. Quando vejo esses venenos expostos, o sangue sobe-me à cabeça. Fico muito brava! Somos belos como somos, *black is beauty*. [...] Muita gente sonha, especialmente as mulheres, em ser como a *Posh Spice* ou Beyoncé. Querem ser amadas, mimadas. Os meios de comunicação continuam dizendo a elas que não terão chance alguma na vida com aqueles cabelos encaracolados e seus traseiros poderosos. Que negro não é bonito, que pelo contrário, é feio, é monstruoso. Puras idiotices, mas muitas pessoas acreditam nisso. Caem na armadilha. Resultado? Estragam a epiderme, tornando-a sensível aos raios ultravioletas, e muitas vezes provocam câncer de pele. E o paradoxo é que se enfeiam. Manchadas como zebras, com vitiligo. Com pescoço, rosto e braços claros e o resto do corpo escuro. (Scego, 2018, p. 101).

Aníbal Quijano (2005) menciona um processo de homogeneização cultural promovido massivamente pelos colonizadores (ressaltando que a Somália foi colonizada pela Itália), por meio do genocídio em massa da população e tentativa de aculturação, além da hierarquização que classifica pela raça e pelo gênero, como já mencionado. Essa hierarquização leva pessoas subalternizadas a tentarem se igualar a aqueles que os subalternizam, uma prática assimilacionista que tenta forçar com

que o outro se adeque aos costumes locais e se iluda no sentido de que se o fizer será tratado como igual, o que nunca ocorre. Na obra, uma das formas de assimilação que surge é o fato de precisarem assistir à missa na igreja Católica, mesmo sendo uma família muçulmana, para que pudessem fazer uma refeição ou obter informações sobre emprego:

Não havia voluntários que sorriam e nos sentíamos todos coagidos. Não entregavam nenhuma sacola, quem quisesse comer tinha que lavar as mãos e sentar-se no refeitório. Mas antes tínhamos de aturar a missa toda. Também os muçulmanos, se não o padre não dava nenhuma dica de trabalho. Não nos teria convertido por necessidade. Fomos três ou quatro vezes. Todas as vezes sentia a tentação de dizer para o padre: ‘Olhe que a espiritualidade deve nascer dentro de nós. Não é possível impô-la a força. Se por caridade cristã o senhor quer nos ajudar, faça-o, mas deve fazê-lo sem pedir uma missa em troca’. Mas o padre continuava a nos chantagear. Nenhum pasto, nenhuma dica de trabalho sem a missa. E então todos nós nos adequávamos. (Scego, 2018, p. 117).

A tentativa de conversão explícita é reflexo de uma cultura que mantém a colonialidade do poder (Quijano, 2005) e busca que aquele que é de fora se adeque aos costumes locais. O pensamento colonial impregnado na sociedade se esconde atrás da caridade, porém o preconceito se revela na obra em suas diversas faces e em distintas situações. Outro exemplo do cotidiano é o preconceito sob a forma de “brincadeiras”, como a de um professor de educação física de Igiaba que a pergunta constantemente o que ela faz para ficar sempre tão “bronzeadas”

Uma brincadeira dessas pode até passar pela primeira vez. Mas ele repetiu aquilo durante três anos seguidos. Num dos últimos dias de escola, [...], eu levei graxa marrom de sapatos para o professor. ‘Profe, eu finalmente

lhe trouxe o produto. É isso que eu uso de manhã. Passo bem direitinho por algumas horas. Tem uma fixação maravilhosa.’ Olhei para o rosto do professor, que ficou todo envergonhado. Sentiu-se muito burro. Eu, ao contrário, pensei comigo mesma: ‘Poxa, Igiá, você bem que podia ter feito isso antes’. Minha vida, naquela época, era uma constelação de episódios como esse. Pessoas que faziam brincadeiras de mau gosto sobre a minha cor e a minha religião. (Scego, 2018, p. 142).

Outro exemplo desse preconceito estava na reação dos outros quando tentava falar sua língua mãe, como ela mesma chamava, que se transformaram, especialmente na escola, o que a levou a uma tentativa de apagamento da sua própria ancestralidade. Sobre aprender somali e começar a falar a narradora relata:

Foi lindo, muito lindo, até que comecei na escola e tudo mudou. Lá me diziam: ‘Vocês não falam, vocês emitem os sons dos macacos. Não dá pra entender nada. Vocês são estranhos. São como os gorilas.’ [...] Eu tinha quatro ou cinco anos. Eu ainda não era uma africana orgulhosa da sua pele negra. Eu ainda não havia lido Malcom X. Então, decidi não falar mais somali. Queria integrar-me a todo custo, uniformizar-me com a massa. E a minha massa, naquela época, era toda branca como a neve. Não falar minha língua-mãe tornou-se a minha forma bizarra de dizer: ‘Me amem’. Porém, pelo contrário, ninguém me amava. (Scego, 2018, p. 146).

Ao relatar o preconceito linguístico, a narradora revela outra face da assimilação cultural que está na língua, na convivência com um idioma em casa e outro fora dela, passando por “[...] processos variados de hibridização, o que implica a coexistência de traumas, de choques culturais e de confusão mental.” (Figueiredo, 2010, p. 262). Esse preconceito se dá a partir de um sentido de homogeneidade foi construído dentro do que Hall

chama de sistema de representação, formado a partir de códigos. De acordo com o autor “pertencer a uma cultura é pertencer, *grosso modo*, ao mesmo universo conceitual e linguístico” (Hall, 2016, p. 43, grifo do autor).

Entretanto, no mundo contemporâneo, os deslocamentos territoriais são cada vez mais frequentes por razões alheias à própria vontade como conflitos, problemas de ordem ambiental, perseguição política, religiosa, expulsões provocadas pela exploração de terras para mineração, entre outros fatores. Esses deslocamentos forçados provocam um processo de desenraizamento a partir da chegada a um novo contexto espacial e cultural e um desencaixe espacial, como afirmam Marandola Júnior e Dal Gallo (2010), que leva o migrante a uma série de conflitos e se manifestam nas perdas e na tentativa de reencaixe em um lugar desconhecido. A autora Eurídice Figueiredo descreve o processo, especialmente do narrador que passa pela situação de migrar, da seguinte maneira:

[...] este multiculturalismo pós-moderno também é o espaço do sujeito cindido, no ritual agônico de conflitos psíquicos engendrados pelas sucessivas perdas. O sujeito encontra-se atormentado pelas aporias do mundo em convulsão, pelo descentramento advindo dos deslocamentos e dos confrontos entre sonhos e aspirações e as duras imposições da realidade. [...] O narrador pós-moderno autorreflexivo dá conta desta crise do sujeito, no jogo entre falso e verdadeiro, entre os diferentes níveis da metaficção, colocando em xeque categorias que pareciam estáveis, em novos paradoxos que exprimem um estar no mundo desestabilizado. Autobiografia e/ou autoficção, ficção e/ou metaficção, autor apócrifo e/ou pretense autor, narrativas que se constroem de maneira fragmentária, com estilhaços de sentidos, que o leitor deve pacientemente montar. (Figueiredo, 2010, p. 262).

Esse “diálogo” entre autor e leitor é intermediado por um contexto no qual o nacionalismo e o patriotismo têm voltado à tona com a ascensão da extrema direita inclusive na Itália, que parece querer reviver seu passado fascista, pelo menos uma parte expressiva da população. Isso é mencionado na obra diversas vezes, especialmente quando a narradora fala que na Itália há um silêncio sobre o seu passado, diferentemente do que ocorre na Alemanha, por exemplo. A obra, que traz um ponto de vista historicamente ocultado, tem aqui um papel fundamental nessa lembrança do que o fascismo, o nacionalismo extremista e o pensamento colonial podem significar em um mundo no qual pessoas oriundas de países que sofrem até os dias atuais com as consequências do seu passado colonial só buscam sobreviver. A Somália ainda vive uma guerra civil até os dias atuais que impediu a família da narradora de retornar ao país em 1991, quando foi iniciada após anos de um regime ditatorial que a expulsou.

A escrevivência dessa mulher negra, africana, migrante representam um ato político e uma forma de decolonizar o pensamento de uma sociedade que conheceu apenas um lado da história – o do colonizador. A descolonização da sociedade é o pressuposto e o ponto de partida para Quijano. De acordo com ele: “[...] é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos.” (Quijano, 2005, p. 139). Para isso é importante que comecemos pela nossa própria realidade, como reflete Bautista:

[...] quando um pensador pensa face à realidade que teve de viver, o que surge é um pensamento original, mas não porque se pretende ser original, mas porque



se pretende pensar com seriedade e rigor os problemas centrais que a realidade coloca ou que nela existem e que todos temos de viver no dia a dia. (Bautista, 2014, p. 6).

Isso significa reconhecer a pluralidade e a diversidade presentes na sociedade e que pode nos aproximar de um resgate do real sentido de uma identidade que não é pré-fixada, a partir de uma construção e um sentimento próprio, e não aquele construído como parte de um projeto de dominação. Corporeidades, subjetividades e existências precisam ser resgatadas e visibilizadas em todas as esferas da sociedade e isso inclui a literatura, as artes, o discurso acadêmico, o ambiente escolar, as mídias e o cotidiano das pessoas.

## **Considerações finais**

A partir da sua cartografia existencial, Igiaba Scego reforça que as fronteiras nacionais são divisoras criadas por humanos que podem demarcar diferenças culturais. Ao mesmo tempo, ao escrever sua vida como um mapa ela aproxima e desfaz limites impostos por fronteiras nacionais. O mapa escrito por Scego une Roma e Mogadíscio como uma só cidade, que embora distantes e completamente diferentes, são vinculadas pela experiência e pela corporeidade, pela existência de alguém que se recusa a ser identificada por apenas uma única nacionalidade, por uma única língua, por uma única cultura. Essa afirmação é refletida no último trecho da obra. Sua descrição é que seu mapa “não é um mapa coerente. É centro, mas também é periferia. É Roma, mas também é Mogadíscio. É Igiaba, mas também é você.” (Scego, 2018, p. 156). É escrevendo que Igiaba Scego

se aproxima do seu leitor e faz com que o outro se coloque no seu lugar enquanto ser plural que cada um de nós é.

A obra reflete sobre o fato de que não somos pessoas homogêneas. Somos moldados pelas relações, pelo espaço-tempo, incluindo os deslocamentos nesse espaço. Scego passa a vida em um país onde possui nacionalidade e apesar de, juridicamente, ter o direito de chamá-lo de seu, as situações de racismo e xenofobia do cotidiano fazem com que se afaste da terra onde está fisicamente. Dessa forma, ela busca um reconhecimento da sua pluralidade e de se afirmar como alguém que não é apenas italiana ou apenas somali. Sobre a sua trajetória, ela menciona: “Sou uma encruzilhada, eu acho. Uma ponte, uma equilibrista, alguém que sempre está no limiar e nunca está. No fim, sou somente a minha história. Sou eu e os meus pés.” (Scego, 2018, p. 28-29).

O romance reflete um contexto que apresenta um ponto de vista de alguém que passou pela situação que é contada, mas também que leva outras pessoas a se identificarem com essa história que foi silenciada por décadas. Essa característica, de uma mulher negra que conta a própria história a partir de um olhar colonizado é característico da escrevivência que Conceição Evaristo relaciona diretamente às histórias escritas a partir de vivências das mulheres negras que refletem um passado colonial, patriarcal, que as subjuga. A escrevivência é um instrumento de fala e de posicionamento de pessoas que foram silenciadas e que tomam a palavra para desfazer estereótipos que foram construídos ao longo de séculos.

Igiaba Scego ficcionaliza sua própria história de vida e se torna protagonista em um mundo que, como o próprio romance mostra, a fez pensar que não poderia se destacar por algo que

não fosse a cor diferente da sua pele em um país europeu que faz questão de não enxergar as milhões de peles negras em diferentes tons que participam ativamente da vida em sociedade, mas que são vistos como imigrantes que precisam se adequar aos costumes, não para serem aceitos, mas para serem tolerados por uma sociedade que respira o eurocentrismo. A narrativa busca uma relação com a ideia de pertencimento relacionada às vivências e experiências nos lugares. Scego reivindica a possibilidade de ser múltipla, de se sentir em casa seja em Mogadíscio, seja em Roma. Retomando o pensamento de Bauman apresentado no decorrer do texto, é aqui que a questão da identidade surge como algo que não deve ser rígido, que é construída ao longo da vida e das relações sociais e espaciais.

Uma forma de questionar e demonstrar que identidades não são fixadas por nacionalidades e que o sentimento de pertencer não está restrito apenas ao território nacional. A escrivência reflete não apenas a sua corporeidade, mas também a de outras pessoas que vivem oprimidas pelo pensamento colonial que permeia a sociedade. O eu se revela para o outro de maneira que os colonizados possam se reconhecer e se reconectar com as suas ancestralidades e que os colonizadores possam refletir sobre a multiculturalidade inerente a esse mundo de deslocamentos e de encontros entre diferenças.

A decolonização do pensamento surge como teoria e como prática a partir do resgate de histórias que não foram contadas, que foram silenciadas. Decolonizar é olhar a História sob um outro ponto de vista, que mostra a força e as lutar daqueles povos que foram subalternizados e subjugados. É a possibilidade de desconstruir paradigmas, estereótipos e mostrar a potência que existe na pluralidade e na diversidade

de existências que habitam o mundo. *Minha casa é onde estou* parte do indivíduo, da interpretação de mundo de uma filha de migrantes africanos que vive Europa para mostrar que o racismo e o fascismo continuam presentes nas mentes coloniais europeias e que mais histórias como essa precisam ser contadas de forma a mostrar que as histórias dos colonizados, embora possuam muito em comum, não são homogêneas e cada uma delas precisa ser mostrada para o mundo. O ato político que é a própria obra tem a potência de reverberar em uma coletividade que se identifica com as questões abordadas no romance, aqueles que passaram por situações similares de colonização e migração que se reconhecem, e no grupo daqueles que foram colonizadores e precisam refletir cada vez mais sobre as suas atitudes coloniais para que elas não continuem a se repetir. Dessa forma, a escrevivência revela histórias apagadas pelo pensamento colonial, historicamente imposto e que, ao mesmo tempo em que resgata ancestralidades e identidades que foram assimiladas no contexto colonial, reflete sobre as atuais condições sociais para que esse passado não seja esquecido e, especialmente, para que extremismos fascistas não vençam.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUTISTA S. Juan Jose. ¿*Qué significa pensar «desde» América Latina?* Hacia una racionalidad transmoderna y postoccidental. Caracas, Venezuela: Monte Ávila Editores Latinoamericana C.A., 2014.

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1549434>. Acesso em 15 mar. 2023.

DUSSEL, Enrique. *Filosofia de la liberación*. Bogotá: Editorial Nueva America, 1996.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. *Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento* [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em out. 2022.

FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários*, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8165>. Acesso em nov. 2022.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa: ensaio de método*. Lisboa: Arcádia, 1979.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora

PUC-Rio; Apicuri, 2016.

LORENZETTI, Sara. La mia casa è dove sono: la recherche di Igiaba Scego. In: ACKERMANN, Kathrin; WINTER, Susanne. *Spazio domestico e spazio quotidiano nella letteratura e nel cinema dall'ottocento a oggi*. Firenze: Franco Cesati Editore, 2014. p. 127-138.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010. Disponível em: [https://rebecp.org.br/revista/article/view/108/pdf\\_102](https://rebecp.org.br/revista/article/view/108/pdf_102). Acesso em: out. 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas - 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Eduardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

ROMEO, Caterina. Literatura da migração e literatura pós-colonial italiana 1990-2013: uma leitura crítica. In: GONÇALVES, Ana Beatriz; ALMEIDA, Márcia de; FARIA, Alexandre. *Novas cartografias: desafios literários*. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2017. p. 11-37

SAID, Edward W. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Ebook.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Ebook.

SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*. São Paulo: Editora Nós, 2018.

SEEMANN, Jörn. Tradições humanistas na cartografia poética dos mapas. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 69-92.

SILVA, Teresa. *Fenómeno migratório: um olhar sobre a transversalidade*. Lisboa: Edições Colibri, 2018.

VAZ, Caroline Bulhões Nunes. Representações cartográficas enquanto manifestações do geográfico: interseções entre ser geógrafo e fazer geografia. In: SERPA, Angelo (org.). *Representação e Geografia*. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 117-136.

YOUNG, Iris Marion. Representação política, identidade e minorias. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 67, p. 139-190, 2006. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/240972225\\_Representacao\\_politica\\_identidade\\_e\\_minorias](https://www.researchgate.net/publication/240972225_Representacao_politica_identidade_e_minorias). Acesso em dez. 2022.